

Lyvia Amado de Oliveira (8923950)

*São Paulo, 15 de setembro de 2022*

SULTANA, Farhana. **Critical climate justice**. Willey, 2021

**Sobre a autora:** Farhana Sultana é professora no departamento de Geografia e Ambiente da Universidade Syracuse em Nova Iorque (EUA). Pela mesma universidade também é diretora de pesquisa no Programa de Conflitos e Colaboração Ambiental, assim como está associada ao departamento de estudos de gênero e da mulher. Além disso, Sultana foi professora no King's College London na Inglaterra e trabalhou no Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) em Bangladesh.

(Fonte: <https://www.farhanasultana.com/about/bio-cv/#biography>)

**Ideias centrais que Sultana desenvolve no artigo:**

- Os impactos da mudança do clima são incorporados de maneira dissidente entre grupos sociais diferentes;
- Dá luz para as sobreposições de sistemas que produzem injustiças climáticas como o capitalismo, o colonialismo, a globalização e o racismo ;
- Apresenta a necessidade de dialogar com diferentes estudos que permitem realizar análises sistêmicas a partir de uma abordagem interseccional, assim permitindo capturar os sistemas de opressões imbricados na produção de injustiças;
- Há o desenvolvimento sobre uma práxis da justiça climática crítica, a fim de reparar as injustiças de maneira equitativa e sistêmica, a fim de reduzir a marginalização, a exploração e opressão;
- Práxis da justiça climática crítica mira em incidir em processos de transformação sistêmicos, a fim de desestabilizar sistemas de poder que reproduzem iniquidades e por isso se faz oportuno interagir com as teorias anti-capitalistas, anti-racistas, pós-coloniais, decoloniais e feministas;

- Para Sultana, a práxis da solidariedade e da ação coletiva permite alcançar a justiça climática crítica, por serem caminhos que possibilitam incidir em mudanças estruturais que historicamente produziram e reproduzem contemporaneamente as injustiças climáticas.

**Teoria utilizada:** articula estudos da justiça climática com o pensamento crítico e a práxis. Além disso, utiliza teorias do feminismo interseccional, anti-racismo e anti-capitalismo, pós-colonialismo e decolonialismo.

**Conclusão da autora:** A justiça climática crítica não se resume ao campo científico, tecnológico-gerencial ou financeiro, mas se trata também de um problema moral, que necessita de mudança de mentalidade, enquadramento de questões, discussões sobre democracia, desenvolvimento e soluções sistêmicas. As abordagens feministas possibilitam insights interseccionais para compreensão da produção de injustiças e escuta dos sujeitos - suas experiências e conhecimentos. É por meio da práxis da solidariedade e da ação coletiva que poderá ter mudanças sistêmicas e a justiça climática crítica.

### **Citações:**

“In general terms, climate justice scholarship demonstrates how climate change is a moral and justice issue, not just a science, techno-managerial, or finance issue (Gardiner, 2011; Shue, 2014). In other words, climate justice fundamentally is about paying attention to how climate change impacts people differently, unevenly, and disproportionately, as well as redressing the resultant injustices in fair and equitable ways. The goals are to reduce marginalization, exploitation, and oppression, and enhance equity and justice. Applying a climate justice approach is an intentional process that involves carefully analyzing who is excluded or marginalized by climate change processes as well as any adaptation or mitigation interventions pursued. A climate justice approach focuses on who benefits, who loses out, in what ways, where, and why. It is an explanatory tool that helps better explain the relationships at different scales that co-create and maintain injustices.” (p. 118-119)

“Colonialism, capitalism, and globalization are imbricated in the production of uneven climate injustices, and critiques of these interlocking systems are increasingly included in climate justice scholarship. In what follows, I posit that critical climate justice is a praxis of solidarity and collective action that benefits from greater engagement with feminist scholarship. Attention to and engagement with intersectional and transnational feminist insights helps critically advance more

nuanced and responsive understandings of climate justice. It can help reframe debates away from reductionist solutions to more accountable assessments and action.” p. 119

“A critical climate justice perspective investigates how and why different groups of people face inequities in different ways from climate change, integrating insights from a range of academic theories (such as feminist, anti-racist, anti-capitalist, post-colonial, decolonial scholarship), as well as insights from activist movements for climate justice, in order to foster praxis of solidarity and collective action.” p. 119

“Considering intersectional gender, race, class, and Indigenous aspects of climate justice can help ensure interventions are equitable and contextually appropriate (Sultana, 2021a; Whyte, 2020). Such concerns need need to be worked through carefully and conscientiously, and this is where feminist insights are particularly prescient” p. 120

“Thus, reframing climate debates with insights from various feminist insights and solidarity praxis helps to unearth and redress root causes instead of seeking out quick techno-managerialist solutions. It confronts patriarchy in communities, institutions, and policy-making, and thereby recognises the importance of intersectional gender analysis, disaggregated data collection, ethical research designs, collaborative planning, and critical reflexivity. Such endeavors focus on regenerative economies and systemic solutions that account for and financially support care, commoning, repair, and reparation. This raises awareness on interconnections across places and issues, not isolated domestic solutions but accounts for international externalities and impacts. Relatedly, it recognises that global racial justice is integral to intersectional feminist climate justice. Ultimately, decentering historically powerful voices towards recentering of marginalised voices and lived wisdoms of communities are valued, and self-determination and collectives building are promoted.” p. 122